

**ENTRE O ASCETISMO E A *KOLAKEÏA*: Marcel e o paradoxo do filósofo no mundo atual**

[BETWEEN ASCETISM AND *KOLAKEÏA*: Marcel and the paradox of the philosopher in the current world]

**Claudinei Aparecido de Freitas da Silva**

<http://orcid.org/0000-0002-9321-5945>

[cafsilva@uol.com.br](mailto:cafsilva@uol.com.br)

*Professor dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação (Stricto Sensu) em Filosofia da UNIOESTE – Campus Toledo com Estágio Pós-Doutoral pela Université Paris 1 – Panthéon-Sorbonne (2011/2012). Escreveu “A carnalidade da reflexão: ipseidade e alteridade em Merleau-Ponty” (São Leopoldo, RS, Nova Harmonia, 2009) e “A natureza primordial: Merleau-Ponty e o ‘logos do mundo estético’” (Cascavel, PR, Edunioeste, 2010/2019). Organizou “Encarnação e transcendência: Gabriel Marcel, 40 anos depois” (Cascavel, PR, Edunioeste, 2013), “Merleau-Ponty em Florianópolis” (Porto Alegre, FI, 2015), “Kurt Goldstein: psiquiatria e fenomenologia” (Cascavel, PR, Edunioeste, 2015), Festschrift aos 20 anos do Simpósio de Filosofia Moderna e Contemporânea da UNIOESTE (Cascavel, PR, Edunioeste, 2016), em parceria com Franco Riva, Compêndio Gabriel Marcel (Cascavel, PR: Edunioeste, 2017) e “A fenomenologia no oeste do Paraná: retrato de uma comunidade” (Toledo, PR, Vivens, 2018). Traduziu Fragmentos filosóficos (1909-1914) de Gabriel Marcel (Cascavel, PR, Edunioeste, 2018).*

**DOI: [10.25244/uf.v13i3.431](https://doi.org/10.25244/uf.v13i3.431)**

Recebido em: 27 de janeiro de 2020. Aprovado em: 30/01/2020

Caicó, ano 12, n. 3, Edição Especial, 2019, p. 141-157 - ISSN 1984-5561  
Dossiê em Comemoração aos 130 anos do Nascimento de Gabriel Marcel



**Entre o ascetismo e a *Kolakeia*: Marcel e o paradoxo do filósofo no mundo atual**  
SILVA, C. A. F.

**Resumo:** O texto pretende retratar, a partir das reflexões de Gabriel Marcel, a figura do filósofo, nos tempos atuais. Esse retrato revela um diagnóstico paradoxalmente sintomático: por uma parte, o filósofo é investido de um ideal ascético no qual ele se “retira do mundo” sendo, não raras vezes, visto como “lunático”, “guru”, ou, até mesmo, “profeta”; de outra, ele aparece como alguém afeito à *Kolakeia*, à lisonja, cuja caracterização mais emblemática é a do “intelectual pop” que atende qualquer apelo midiático ou, às cegas, adere certo ativismo político. Para além desses polos viciosos, Marcel abre uma terceira via, por assim dizer, mais virtuosa, em que o filósofo possa, além de manter-se autocrítico e prudente à toda forma de fanatismo, responsabilizar-se humanitariamente.

**Palavras-chave:** Gabriel Marcel. Filósofo. Mundo atual. *Kolakeia*. Ascetismo.

**Abstract:** The text intends to portray, from the reflections of Gabriel Marcel, the figure of the philosopher, in the present times. This portrait reveals a paradoxically symptomatic diagnosis: on the one hand, the philosopher is invested with an ascetic ideal in which he “withdraws from the world” being, not infrequently, seen as “lunatic”, “guru”, or even, “prophet”; On the other hand, he appears as someone with a *kolakeia*, a flattery, whose most emblematic characterization is that of the “pop intellectual” who meets any mediatic appeal or blindly adheres to certain political activism. Beyond these vicious poles, Marcel opens a third way, so to speak, more virtuous, in which the philosopher can, in addition to remaining self-critical and prudent in all forms of fanaticism, to be responsible humanely.

**Keywords:** Gabriel Marcel. Philosopher. Current world. *Kolakeia*. Asceticism.

**Entre o ascetismo e a *Kolakeia*: Marcel e o paradoxo do filósofo no mundo atual**  
SILVA, C. A. F.

## INTRODUÇÃO

Em *Les hommes contre l'humain*, de 1951, Gabriel Marcel ensaia, de forma especial, um debate em torno do lugar do filósofo nos dias atuais: *Le philosophe devant le monde d'aujourd'hui*. O texto inicia situando o terreno, por vezes, íngreme, paradoxal, no qual o filósofo, geralmente, se encontra: de uma parte, ele transparece, aos olhares do mundo, do senso comum, como uma espécie de eremita que foge para a montanha ou de um sábio avesso ao mundo vivido confinado em sua “torre de marfim” no mais absoluto ostracismo intelectual. De outra parte, há uma cobrança social de maior presença de tal modo que ele, muitas vezes, se deixa levar, aventurosamente, em tomar posições apressadas, pouco refletidas, isto é, ele termina, arriscadamente, por ceder a certo apelo midiático.

Para além desses polos opostos, Marcel entrevê uma terceira via na qual o filósofo é convidado a restituir o originário espírito socrático. Trata-se de um gesto de responsabilidade que é inerente à sua verdadeira função ou vocação primordial. Essa posição é retomada e aprofundada num segundo texto complementar, *La responsabilité du philosophe dans le monde actuel* inserido em *Pour une sagesse tragique* de 1968. Nessa perspectiva, o filósofo jamais deve fugir da ágora, uma vez que, desde sempre, está no mundo, engajado, situado. Para tanto, ele deve ainda renunciar à tentação de uma mídia que sorrateiramente distorce sua mais autêntica imagem em nome de algum capricho ou notoriedade acadêmica. O perigo aí é iminente: o filósofo chega ao ponto de “vender sua alma” no “mercado” da ilusão publicitária. É preciso superar ambos os vícios postos, buscando um agir mais virtuoso, ou seja, de um lado, superar tanto o comodismo acadêmico, apático ao real quanto à *kolakeia*, à lisonja do marketing. Essa terceira via é a do filósofo que avalia melhor o terreno onde pisa, realizando, com cuidado, uma terraplanagem, isto é, pondo na balança os fatos, refletindo primeiro antes de dar o próximo passo.

A fim de melhor abordar esse estado de questão, adentremos no texto marceliano reconstituindo o seu movimento interno.

## O FILÓSOFO DIANTE DO MUNDO ATUAL

De início, Marcel chama a atenção sobre o carácter íngreme (*scabreux*) ou mesmo arriscado em que apresenta, nos tempos atuais, a situação do filósofo no mundo. Trata-se, em regra, de uma situação paradoxal, pois, por uma parte, este é comumente visto como alguém excêntrico, desenraizado, muito embora isso seja, obviamente impossível, dada à condição dele jamais se confinar num “modo puramente contemplativo perdido em uma solidão eremítica” (MARCEL, 1991, p. 71). Por outra parte, eis o paradoxo, “o mundo ou bem não reconhece o filósofo e tende a tratá-lo como um personagem ridículo e um pouco absurdo – ou bem, ao contrário, quando ele tem sido aceito (*adopté*), não descansa enquanto não o compromete e, se posso ousar dizer, não o desnatura” (MARCEL, 1991, p. 71).

Marcel ainda nota que, da antiguidade até nossos dias, o conceito de filósofo se distorceu completamente a ponto da noção de sabedoria (*sophia*) perder o conteúdo, isto é, sua venerabilidade original. Fato é que

**Entre o ascetismo e a *Kolakeia*: Marcel e o paradoxo do filósofo no mundo atual**

SILVA, C. A. F.

O filósofo do século XIX reduziu-se, na maior parte dos casos, ao professor de filosofia, e isso ao escândalo dos espíritos mais lúcidos e mais livres do seu tempo, como um Schopenhauer ou um Nietzsche, por exemplo. O professor de filosofia é frequentemente um especialista, em algum grau, intoxicado por sua própria especialidade, que debita diante de seus estudantes ou às vezes perante um público mais amplo o seu sistema (MARCEL, 1991, p. 71-72).

O problema, Marcel já identifica desde os anos 1950 no circuito educacional europeu, é a sobrecarga de atividade que o professor de filosofia por vezes assume, em razão do enorme número de estudantes que preparam e fazem exames. Nessas condições, entre outras, o sentido último do magistério se esvai deixando de conservar, digamos, “certa virgindade de espírito” (MARCEL, 1991, p. 72). O professor se vê diante de um “esforço literalmente heroico sob a condição de levar uma vida quase ascética” (MARCEL, 1991, p. 72). Este ascetismo tem o seu preço, é claro: o de tornar o filósofo ou o professor como agentes insensíveis, mantendo-se fechados num domínio de pensamento desencarnado.

O que não se pode subestimar é o clima de mal-estar que aí toma conta. O caráter confinado e obscuro de semelhantes pesquisas tem, na outra ponta da balança, uma patologia irremediável. Trata-se da

[...] figura do filósofo que procura as vastas audiências, que se multiplicam na imprensa e na rádio [...] uma espécie de figura do tipo topa-tudo [...] correndo o risco, portanto, de trair, de uma maneira mais grave, a sua vocação fundamental (MARCEL, 1991, p. 72).

Ora, é sob esse segundo aspecto, observa Marcel, que as concepções profundas de Platão sobre a *kolakeia*, isto é, a lisonja, mantém uma atualidade inequívoca. Em *Górgias*, no §18, Sócrates exorta o seu interlocutor acerca da adulação como uma oratória da pior espécie, a qual visa mais o prazer e o agrado dos espectadores:

O que me parece, Górgias, é que se trata de uma prática que nada tem de arte, e que só exige um espírito sagaz e corajoso e com a disposição natural de saber lidar com os homens. Em conjunto, dou-lhe o nome de adulação. A meu ver, essa prática compreende várias modalidades, uma das quais é a culinária, que passa, realmente, por ser arte, mas que eu não considero tal, pois nada mais é do que uma prática e rotina. Como partes da mesma, incluo também a retórica, o gosto da indumentária (cosmética) e a sofística: quatro partes com quatro campos diferentes de atividade (PLATÓN, 1987, 463b, p. 47-48).

A passagem acima é particularmente emblemática. Nela, Sócrates admoesta Górgias quanto a um perigo que ronda a educação sofística: a lisonja. Essa pseudo arte se investe numa forma especial e sofisticada de ardil, a pura retórica, certo jogo de linguagem. Trata-se, sem dúvida, de um jogo sedutor, persuasivo e que, em nossos dias, se apresenta sob o disfarce do desafio ou da provocação. Esse comportamento, que tem se tornado um padrão de medida é, de fato, tentador, perigoso, pois à medida em que “o filósofo consente em ser tomado pelo encargo de uma publicidade, por empresários, nega-se como filósofo” (MARCEL, 1991, p. 73). Uma das formas mais hábeis desse recurso ou atitude é a figura midiática do “intelectual pop” que se

**Entre o ascetismo e a *Kolakeïa*: Marcel e o paradoxo do filósofo no mundo atual**

SILVA, C. A. F.

presta ao papel de “garoto-propaganda”. Nunca o termo filósofo esteve tão em voga, isto é, em moda como em nosso tempo ao bel prazer de algum indivíduo que, sem o menor pudor, se autoproclama enquanto tal. Este, uma vez ávido por holofotes, usura tal codinome para fins ilícitos. Tal celebridade excêntrica não pratica outro ato senão o da extorsão intelectual movida por interesses mercantis. Seria trágico se não fosse cômico!

Nesse contexto, cumpre ainda reconhecer outra sedução à qual o filósofo sucumbe muito frequentemente:

[...] é o perigo que consiste em tomar posição, aliás, antes no papel que na realidade, e, seguidamente, por assinaturas de manifestos, sobre questões das quais só temos conhecimento muito superficial, um conhecimento de oitiva (*ouï-dire*), que é, na verdade, ignorância pura (MARCEL, 1991, p. 74).

É bem verdade que o filósofo “é tentado a tomar posição em relação à aflição de um mundo cuja destruição integral não tem mais nada de inconcebível” (MARCEL, 1991, p. 74). A guerra, o suicídio, só para ficar com esses exemplos, são sintomas disso. Agora, uma coisa é tomar posição frente a situações com bem maior precisão de análise, racionalidade, prudência; outra, bem diferente, é a de ceder a certo “espírito de abstração”, isto é, sem, antes, fazer uma espécie de terraplanagem, adquirir um conhecimento maior do terreno em que se pisa. Qual o problema? O de que uma tomada de posição prévia, *a priori*, baseada em princípios absolutos torna-se ilegítima em face do concreto, mal reconhecendo, dessa maneira, a singularidade de um fato. A extraordinária imprudência com a qual certos intelectuais tomam partido relativo ao colonialismo é uma incontestada demonstração disso. Eles simplesmente desconsideram o contexto, tornando-se incoerentes. Renunciam em diagnosticar a complexidade quase inextricável de uma realidade, traindo, pois, “as exigências imprescritíveis de um pensamento reto” (MARCEL, 1991, p. 74-75). Eles ainda passam a formular os imperativos ditados pela ignorância, tornando-se sectários, dogmáticos. Se é assim qual o primeiro dever do filósofo?

O primeiro dever do filósofo é de ter clareza quanto aos limites de seu saber e de reconhecer que há domínios onde a sua incompetência é absoluta. Em outra linguagem, digamos que ele deve estar sempre em guarda contra uma pretensão incompatível com a sua vocação verdadeira. Proudhon dizia: “Os intelectuais são frívolos”. Hum! Isso é terrivelmente verdadeiro. É por esta razão profunda que o intelectual não tem que ser realmente resistente como o trabalhador e o camponês, pois ele trabalha com palavras suspenso inteiramente sobre as folhas de papel. Desse perigo, o filósofo deve permanecer continuamente consciente. Proudhon acrescentava que o povo é sério. Talvez hoje infelizmente isso já não seja mais verdade – pelo fato de que a imprensa e a rádio sejam quase inevitavelmente corruptos. O povo só é sério mantendo-se tal qual é, e temos de reconhecer que isso é cada vez mais raro devido a certo aburguesamento do qual as consequências são, sob vários aspectos, funestas (MARCEL, 1991, p. 75).

Desse modo, “objetar-se-á que negar ao filósofo o direito de tomar posição em questões políticas concretas é, no fundo, uma forma hipócrita de convidá-lo a não se comprometer, a

**Entre o ascetismo e a *Kolakeïa*: Marcel e o paradoxo do filósofo no mundo atual**

SILVA, C. A. F.

permanecer no plano das afirmações de princípio? Esse é não é o ponto de meu pensamento”, admite Marcel (1991, p. 75). Eis, ao menos, um exemplo disso:

Eu não hesito em dizer que num país onde uma minoria é perseguida por razões raciais ou religiosas, o filósofo deve se engajar profundamente (*s'engager à fond*), sejam quais forem os riscos que podem ocasionar para ele um similar protesto. O silêncio num caso semelhante é verdadeiramente uma cumplicidade. Mas, aqui, ninguém pode pretender que o perseguidor saiba mais que o filósofo. A verdade é exatamente o contrário. O antisemita não sabe mais sobre os judeus do que quem combate o antissemitismo. Na realidade, não é de saber que se trata aqui, mas de prejuízos que o filósofo deve combater. Digamos, ainda, que o princípio interverá aqui diretamente em sua sublime irreduzibilidade (MARCEL, 1991, p. 75).

Marcel jamais abdica de uma forma de engajamento autêntico. Este último pode se dar tanto com a Resistência ou a crítica à constituição de tribunais de exceção quanto com posições e manifestos em prol de minorias. Em tais casos, sua competência é absolutamente justificada e necessária sob pena de omissão ou cumplicidade. Situações como essa traça, por exemplo, uma distinção entre a crítica e a cretinice. A verdadeira crítica se dá à medida que, antes de formar opinião, emitir opinião, tomar posição é preciso, antes, bem antes, acercar-se do que se trata, dos fatos, dos acontecimentos, isto é, ter conhecimento de causa, conhecer, a fundo, uma obra, um autor, sua biografia, a história. Eis porque a autêntica crítica não pode apoiar-se em um conhecimento de oitiva; não pode ceder ao capricho do simples senso comum, “ter aquela velha opinião formada sobre tudo”, opinar depressa demais; julgar, condenar. O crítico é aquele que realmente toma corpo na obra, no acontecimento; não cede ao espírito de abstração, mas faz a terraplanagem necessária, de maneira exigente. Já o cretino desconsidera essa exigência. Ele sobrevoa, no sentido reportado por Merleau-Ponty, o mundo e a história; é completamente indiferente à situação. Ora, o “espírito de abstração” é justamente esse “pensamento de sobrevoos”, sem peso e sem gravidade.

É uma vez dada essa perspectiva ou situação que cabe ao filósofo realizar uma espécie de epoché do senso comum sob pena de sua posição deixar insuflar-se por certa ideologia de massas. Trata-se de uma ideologia que alça voos, sobrevoa o acontecimento, recusa qualquer engajamento, age de modo mecânico; não reflete, é anti-reflexiva, por definição. Ela corta volta de qualquer compromisso porque é um modo de ser indisponível, ou seja, avesso à comunhão. É o elogio à deserção. É um processo vagante no qual toma curso uma despersonalização gritante. Não se reconhece outrem como pessoa. O outro simplesmente não caminha, mas vagueia sem rumo. Não há pessoa, mas um processo vegetativo, uma espécie de metástase do pensamento, um quadro típico, digamos, de “apocalipse zumbi”. É o que, a título de exemplo, se reporta Ortega y Gasset em seu clássico *Rebelião das massas* (2002).

Pois bem: o que é que está em questão nesse quadro geral retratado por Gasset e tão profundamente entrevisto por Marcel? Um fenômeno sinistro: o fanatismo.

## FILOSOFIA *VERSUS* FANATISMO

Marcel se apressa em observar que “o primeiro dever do filósofo no mundo hoje consiste em combater o fanatismo *sob qualquer forma que ele se apresente*” (MARCEL, 1991, p. 76). O que se pretende dizer exatamente com isso? Ele transcreve uma longa passagem de Jules Lagneau (1964, p. 31):

Determinando o nosso pensamento, encerrando-o em fórmulas precisas, devemos tomar cuidado para não nos confinarmos nelas. Pensaremos que a servidão das palavras está na raiz do fanatismo, e que se ele destrói a liberdade é porque procede duma servidão. Pensaremos que as ideias só têm vida se o espírito lhe conserva, julgando-as sempre, quer dizer, mantendo-se mais alto, e que elas deixam de ser boas e até que cessem mesmo de ser ideias quando elas deixam de ser a base sólida e a expressão em ato da liberdade, interior. O fanatismo nos será, portanto, estranho; ele é o inimigo, e não passaremos para o lado do inimigo; ele é o mal, não o semearmos, mas semearmos aquilo que queremos colher. Agiremos com calma e constância em torno de nós, mostrando, na vida cotidiana, o espírito que nos anima e opondo-o a qualquer espírito que não seja puramente razoável e puramente generoso.

Ao reportar-se a estas memoráveis linhas de *Simple notes pour un programme d'union et d'action* redigidas primeiramente, em 1892 e, reeditadas em 1964, com o intuito de ser a carta da União para a Ação Moral, Marcel acentua o seu real significado. O que ele retém de Lagneau é a ideia profunda, segundo a qual “a servidão das palavras está na raiz do fanatismo” (MARCEL, 1991, p. 76); ora, pode-se dizer, admite Marcel (1991, p. 76), “que a primeira missão do filósofo, nesse mundo ou diante do mundo, consiste em recusar essa servidão”. A violação da linguagem com que certos atores operam em diferentes cenários como o da política, valendo-se da pura demagogia, impõe uma servidão que é realmente a porta aberta do fanatismo. O processo de massificação assimila docilmente esse tipo de escória (*crasse*) que recobre intenções das mais espúrias<sup>1</sup>.

É verdade também que Marcel buscara tomar, em certa medida, alguma distância frente, segundo ele, um gênero de “existencialismo caricatural” personificado nas figuras de Sartre e Camus. Sem entrar, aqui, nos complexos meandros que envolvem tal querela, basta apenas circunscrever a crítica de fundo por parte de Marcel a ambos os autores. Aos seus olhos, Sartre tornou-se uma presa fácil da *kolakeïa* nos tempos modernos em função, provavelmente, da ostensiva fama de escritor e intelectual, além, é claro, da militância política que assume certo protagonismo midiático no circuito cultural da época. A um só tempo, cabe questionar se o filósofo está francamente qualificado para se pronunciar sobre matérias que lhes são estranhas proferindo veredictos acerca do mundo ignorando, por completo, consequências na ordem da ação<sup>2</sup>. É o que ocorre também com Camus. Em sua concepção do mundo como absurdo e o sintoma do suicídio como questionamento da existência, Camus tende a formular uma posição extremamente ingênua. Ele recai, segundo Marcel, num dualismo no qual “sou conduzido a

<sup>1</sup> Nesse escopo, permanece absolutamente atual o *Discurso da servidão voluntária* de Étienne de La Boétie (1999).

<sup>2</sup> Ao leitor que pretende melhor aprofundar esse debate, paralelamente às posições de Marcel, torna-se igualmente instrutiva a correspondência entre Sartre e Merleau-Ponty acerca do engajamento publicadas e comentadas por Marilena Chauí (2002, p. 257-326).

**Entre o ascetismo e a *Kolakeïa*: Marcel e o paradoxo do filósofo no mundo atual**

SILVA, C. A. F.

substituir a filosofia do absurdo, seja por um gnosticismo que postula a realidade de uma queda, seja por um maniqueísmo puro e simples” (MARCEL, 1991, p. 79). Ora, qual pode ou deve ser a atitude do filósofo frente a isso?

A gnose e o maniqueísmo são tentações que põem em risco uma forma de vida irresistível a um número cada vez mais crescente de indivíduos. Do lado gnóstico, por exemplo, Marcel alude ao surgimento de uma seita russa na qual os seguidores viviam num campo inteiramente afastado. Estes passaram a sacrificar tudo em nome de uma purificação interior da qual seriam arrancados desse mundo de perdição e elevados ao terceiro céu. As crianças eram proibidas de irem à escola, porque tudo o que se ensina vem do demônio. Na vizinhança, essa chama mística parecia propagar-se perigosamente. Até as autoridades buscaram alertar e intervir, mas sem sucesso. Resumo da ópera: não restou outra saída senão um processo de deportações.

No outro lado dessa margem, há o dualismo, o maniqueísmo que desperta reações mais ou menos análogas, mesmo em povos mais “evoluídos”. O que talvez se revela mais sensível em nossa época do que em qualquer outra é que

[...] enquanto ser moral, cada um de nós, tem de reconhecer a oposição irreduzível do bem e do mal e de optar pelo primeiro contra o segundo. Esse maniqueísmo prático, contudo, relativo ao modo como o bem e o mal se apresentam à consciência militante, não pode ser transformado, sem abuso, em um maniqueísmo teórico ou metafísico que trata o bem e o mal como princípios de realidades iguais que disputam entre si o império dos homens (MARCEL, 1991, p. 82).

O “maniqueísmo prático” reivindicado por Marcel se opõe, radicalmente, ao “maniqueísmo metafísico”, teórico, cujo ponto de vista filosófico convém, portanto, ser rejeitado por ser justamente um dualismo intransponível. É desse dualismo que a figura autocrática do filósofo como especialista, tipo professoral, profissional de carreira, arvorou-se, como vimos, desde o século XIX. Contra essa concepção geral da atividade filosófica, Merleau-Ponty também se insurgira em sua memorável aula inaugural no Collège de France:

O filósofo moderno é frequentemente um funcionário, sempre um escritor e a liberdade que lhe é permitida em seus livros, admite uma contrapartida: aquilo que ele diz entra logo num universo acadêmico onde as opções da vida estão amortecidas e as oportunidades do pensamento veladas [...]. Ora, a filosofia livresca deixou de interrogar os homens. O que nela há de insólito e de quase insuportável está oculto na vida decente dos grandes sistemas. Para reencontrarmos a função integral do filósofo precisamos lembrar-nos de que até os filósofos-autores que lemos, e que somos, nunca deixaram de reconhecer como mestre um homem que não escrevia, que não ensinava – pelo menos nas cátedras do Estado – que se dirigia àqueles que encontrava na rua e que teve dificuldades com a opinião pública e com os poderosos, precisamos lembrarmos de Sócrates (MERLEAU-PONTY, 1953, p. 39).

Merleau-Ponty levanta, à época em que Marcel escreve *Les hommes contre l'humain*, o mesmo diagnóstico. Esse contexto, entretanto, não se modificou substancialmente; ao contrário, aprofundou-se ainda mais. Merleau-Ponty revisita a ágora socrática como um espaço

**Entre o ascetismo e a *Kolakeia*: Marcel e o paradoxo do filósofo no mundo atual**

SILVA, C. A. F.

emancipatório do ponto de vista filosófico, como um lugar em que se revive a experiência de pensamento que “transita numa relação viva com as coisas, com o mundo e com o outro, encarnando-se no acontecimento, transcendendo, em rigor, os muros da academia” (SILVA, 2011, p. 286). Esse lócus perdeu-se hoje na vida decente dos grandes sistemas, na institucionalização do filósofo como funcionário, como servidor público ou privado. Por isso, Marcel volta a insistir em sua tese de princípio de que é preciso que a situação na qual se encontra o filósofo moderno e, de passagem, a condição humana, seja compreendida à luz da sua essência fenomenológica. Examina ele:

[...] não pode mais haver filosofia hoje sem uma análise da essência fenomenológica sobre a situação fundamental do homem [...]. Aparece, hoje, sem dúvida, que o próprio do homem, enquanto vive simplesmente a sua vida sem se esforçar em pensá-la, é de estar em situação e que a essência do filósofo, à medida que ele compreende pensar *a* vida e *sua* vida, consiste em reconhecer essa situação, explorá-la tanto quanto possível, sem que, aliás, ele possa jamais ter o conhecimento exaustivo ao qual se presta aquilo que é o objeto de ciência. A ideia mesmo de um semelhante conhecimento é aqui, sem dúvida, contraditória pela razão profunda de que reconhecer é outra coisa que conhecer. Nessa perspectiva, é fácil compreender que o filósofo está ao mesmo tempo no mundo e fora do mundo, e que esta dualidade paradoxal está envolvida em sua própria condição: isso não é, apenas, verdadeiro acerca do filósofo diplomado, mas de quem quer que se esforce em adotar uma atitude filosófica (MARCEL, 1991, p. 80).

O que Marcel põe, em pauta, é uma nova agenda filosófica para o nosso tempo. É, pois, manifesto que houve certamente épocas em que essa dualidade não foi tão clara e dolorosamente sentida como hoje. Fato é que esse regime dual acaba por obliterar-se na consciência atual do filósofo-professor cujo sistema, por vezes, tende a substituir o mundo e a vida. Afinal, a nova consciência filosófica não pode desconsiderar o paradoxo da condição humana; menos, ainda, colocar-se na atitude de uma totalidade absoluta que abarque tal “situação” em sua essência fenomenológica última<sup>3</sup>; essência de um ser finito, carnal, de um “eu sou *entre* os outros, ou, ainda, *com* os outros” (MARCEL, 1991, p. 81). Ora, se pergunta Marcel, ao concedermos ao filósofo que ele deve se retornar às essências, não o convidamos a seguir um caminho que leva para fora desse mundo ao ponto de recair em algum reino inteligível? A filosofia, assim concebida, não corre o risco de se tornar uma evasão?

De modo algum, responde ele! Cabe, antes, observar que essa atenção à essência não pressupõe qualquer essencialismo ou algum gênero de “gandhismo filosófico”. O filósofo, recordemos, não é um ermitão ou um guru da Índia até porque este estilo de vida reveste-se de outra natureza, implicando, quase sempre, uma vocação particular, de essência mística, o que, decerto, nada tem a ver com a do filósofo. É impossível, não faz o menor sentido, o filósofo existir incólume, impermeável às condições da vida moderna como se fosse um alienígena. Sob esse prisma, a sua imagem construída pelo senso comum como uma criatura extraterrestre, um ET ou como ironizara Aristófanes (1980), a propósito de Sócrates, como um lunático, alguém que vive nas “nuvens” depõe contra a realidade.

Marcel então constrói outra narrativa, pinta outro retrato que melhor condiz com a essência mesma do filósofo e, isso, é óbvio, à luz da situação humana. A melhor imagem é a do

<sup>3</sup> Ver: (SILVA, 2015; 2017b).

**Entre o ascetismo e a *Kolakeïa*: Marcel e o paradoxo do filósofo no mundo atual**

SILVA, C. A. F.

*homo viator*, isto é, a do pensador nômade, o ser andarilho, itinerante movido pelo espírito de busca. Tal é o sentido que recobre outro importante livro de Marcel (1998) que tem como título justo esse dístico latino a fim de exprimir a experiência filosófica em sua gratuidade, quer dizer, como uma experiência de percurso de um ser existente, de carne e osso, em meio à estrada da vida. Esse homem itinerante é, por excelência, o filósofo.

O filósofo é aquele que deve engajar-se verdadeiramente numa só causa, num só espírito de resistência e emancipação: a do combate do gnosticismo, do fanatismo. A questão-chave é o cuidado de não deixar se suggestionar ou hipnotizar por certa concepção hegeliana, menos, ainda, por certas interpretações vulgarizadas como pontificadas segundo a fórmula *Weltgeschichte ist Weltgericht*<sup>4</sup>. Como refuta Marcel (1991, p. 83), “não estamos em condições de nos pronunciar sobre o futuro”. É nessa perspectiva que o filósofo não age sob o impulso de um Espírito, ou o que é insensato, transformar-se em profeta. Ora, “a própria noção de pensamento profético é, no entanto, equivocada, pois o profeta pode situar-se em planos bem diferentes” (MARCEL, 1991, p. 84). Fato é que o profetismo possui um caráter místico e, por vezes, sobrenatural. “A profecia” – descreve Marcel (1991, p. 84) – “é da ordem da iluminação; ela jorra, se assim pode dizer, transversalmente em relação aos caminhos sinuosos e difíceis que o filósofo percorre tateando. O atalho profético assusta o filósofo pela razão mesma do risco infinito que ele comporta, mas esse risco infinito compreende o valor positivo e a necessidade”. Nessa medida, se a tarefa filosófica não pressupõe qualquer essencialismo místico, gandhista ou profético, ela também não pode ceder a outro gênero de fanatismo: o sensacionalismo panfletário.

[...] uma filosofia digna desse nome não pode ser panfletária; ela deve permanecer sempre crítica [...] implicando sempre o cuidado de permanecer equilibrado, cuidado profundamente estranho aos panfletários enquanto tais. Ela supõe, ainda, uma certa coragem, pois está condenada em se ver difamada – pelo fanático e pelo falso profeta que, no fim das contas, corre sempre o risco de se fanatizar (MARCEL, 1991, p. 84).

Esse quadro, por si só, mostra como a situação do filósofo no mundo parece mesmo nada confortável. Ela se expõe perigosamente de uma maneira jamais vista. “O perigo” – retrata Marcel – “é também e, talvez, antes de tudo, interior” (MARCEL, 1991, p. 84). Diante desse espectro não resta outra alternativa senão o de um profundo exame de consciência, ou seja, de uma tomada de consciência radical. O filósofo deve se “manter, sem alarido, sem demonstrações ostentosas, a necessidade do modo de pensamento e até da existência, que é o seu [...]. Talvez pudesse dizer-se que entre o mundo das técnicas e o da espiritualidade pura a mediação do filósofo é cada vez mais indispensável” (MARCEL, 1991, p. 85).

Pois bem, é essa leitura que reencontramos noutra obra fundamental de Marcel na qual se rediscute a situação do filósofo no mundo atual. Trata-se do *Essai de philosophie concrète* que interroga em que consiste filosofar concretamente? Ora, a filosofia concreta é aquela que se coloca *hic et nunc* (aqui e agora) opondo-se a certa pseudofilosofia oficial. Marcel então problematiza a atitude adotada por muitos filósofos frente à história da filosofia, mantendo-se, em nome dessa última, uma renúncia velada ou explícita à própria filosofia. O que, afinal, explicaria tal postura? De início, há uma confusão secular em identificar o trabalho filosófico com

<sup>4</sup> *Weltgeschichte ist Weltgericht*. Fórmula de Hegel da qual se poderia propor a seguinte tradução: “O movimento mesmo da história do mundo é o tribunal do mundo”.

**Entre o ascetismo e a *Kolakeïa*: Marcel e o paradoxo do filósofo no mundo atual**

SILVA, C. A. F.

o científico. Muitos filósofos se sentem imbuídos por certo espírito epistemológico<sup>5</sup>, especializado, por definição, como se a filosofia, à maneira da ciência, se reduzisse em tão somente eliminar problemas. “Não se pode jamais dizer até que ponto a imagem da oficina, da usina e a do laboratório têm obcecado os filósofos” – escreve Marcel (1999, p. 95) – “disso resulta o complexo de inferioridade do filósofo diante do cientista”. Marcel não tarda em examinar que esse sintoma produz realmente um mal-estar: ao proceder assim, o filósofo termina por trair sua verdadeira vocação. É que a filosofia não se ocupa com problemas; não tem, em rigor, um objeto definido, exaustivo. Seu procedimento é mais interrogativo que resolutivo (MARCEL, 1935).

Afora isso, há outro aspecto a ser considerado nessa prática convencional de se relacionar com a história da filosofia. Marcel demarca os limites do método estruturalista de interpretação de textos<sup>6</sup>, cujo estilo, como se sabe, marcou época fazendo escola na França e, ainda hoje, altamente predominante na academia. Ele então provoca no sentido de que o filósofo não se torne apenas um intérprete, um hermeneuta por maior que seja o mérito desse trabalho, mas, de fato, um criador, um artista. É o que avalia:

Certamente, um filósofo deve “saber” a história da filosofia; mas isso, para mim, quase exatamente no mesmo sentido em que um compositor deve saber a harmonia, quer dizer, possuir um repertório harmônico sem jamais tornar-se escravo. A partir do momento em que é escravo, ele não é mais um criador, não é mais um artista. Do mesmo modo, o filósofo que tem catalogado frente à história da filosofia, já não é, portanto, um filósofo (MARCEL, 1999, p. 95-96)<sup>7</sup>.

É criando, pois, sem perder o espírito de autocritica, de reflexão, que o filósofo pode superar o “complexo de inferioridade” seja em relação a certo culto cientificista, seja a certa atitude meramente subserviente perante à história da filosofia. Cabe ao filósofo restituir sua mais autêntica tarefa ou missão, conforme o texto capítulo de *Les hommes contre l'humain* é encerrado:

Vivemos num mundo que parece construído sobre a recusa da reflexão. Pertence ao filósofo e, talvez somente a ele, de combater essa confusão, sem presunção, é certo, sem ilusão, mas com o sentimento de que há aí um dever imprescritível de que não pode se esquivar sem trair sua autêntica missão (MARCEL, 1991, p. 85).

A bem da verdade, ao fechar o texto, Marcel o reabre novamente. O diagnóstico até então feito convida o filósofo a dar um segundo passo em direção àquilo que mais lhe compete como responsabilidade. Trata-se, agora, uma vez orientado pela reflexão, do filósofo abraçar uma causa, a verdadeira causa: o “dever imprescritível” de combater toda sorte de fanatismo.

Essa tomada de consciência tem um lugar ainda mais contundente noutro texto que complementa, sob vários aspectos, o de *Les hommes contre l'humain*. Trata-se do capítulo *La responsabilité du philosophe dans le monde actuel* inserido em *Pour une sagesse tragique* (1968).

<sup>5</sup> Ver: (SILVA, 2014).

<sup>6</sup> Ver: (GOLDSCHMIDT, 1963). Ver, ainda, o apreço dessa abordagem em (CHAUÍ, 2017).

<sup>7</sup> Quanto a isso, merece atenção as profundas análises de Aspis e Gallo (2009, p. 58-65).

## A RESPONSABILIDADE DO FILÓSOFO

Esse segundo texto é particularmente instrutivo. Marcel, desde já, avalia que “a ideia de que a filosofia seja uma espécie de jogo intelectual, uma ginástica suavizadora do espírito [...] corre o risco de aparecer como uma impostura” (MARCEL, 1968, p. 37). É, também uma impostura pretender que o filósofo seja o artífice de uma revolução em marcha. Ora, é preciso desfazer-se, o quanto antes, desse gênero de romantismo. “A filosofia não tem uma força e um interesse qualquer a não ser que seja uma ressonância nessa vida, que é a nossa e está, hoje, em todos os planos, a tal ponto, ameaçada” (Ibidem). Trata-se, sobretudo, de projetar essa ressonância à maneira como a filosofia se situa em relação à verdade. Um exemplo, a respeito, chama a atenção. Marcel faz menção a uma entrevista televisiva concedida por um professor catedrático da Sorbonne voltada a jovens professores de liceus. No programa, o professor declara que a verdade só possui sentido uma vez definida nas ciências<sup>8</sup>. Ora, se for isso, só resta a filosofia demitir-se!

Tanto pior, nesse cenário, é a já conhecida figura do “filósofo profissional” que abdica de criar, ostentando, quase sempre, alguma notoriedade acadêmica. Em tal perspectiva, será preciso distinguir o filósofo que realmente investiga daquele que ensina no sentido antes reportado de um simples intérprete, catalogador ou mero reproduzidor da história da filosofia. Ora, “em filosofia, trata-se bem menos de ser um professor do que ser um *despertador*” (MARCEL, 1968, p. 40). Nesse contexto, vejamos:

Importa, reconhecer que há algo de essencialmente ambíguo na própria noção de professor de filosofia e isto é tão verdadeiro que se pode perguntar muito seriamente se o ato, que as palavras *fazer profissão de* traduzem, não é, de uma certa maneira, incompatível com o que há de mais íntimo na sua vocação. É nesse termo vocação que devemos pôr o acento, logo que falamos do filósofo (MARCEL, 1968, p. 40).

Como escreve Marcel (1968, p. 40), “cabe perceber que não se tenta filosofar exclusivamente para si”. Pois, “tudo antes se passa como se entendêssemos em tomar a responsabilidade da inquietude ou angústia dos outros seres que não conhecemos individualmente, mas com os quais sentimos ligados por uma relação fraternal” (Ibidem). Esse traço “vocacional”, bem mais que “profissional” é que está em questão! O verdadeiro gesto filosófico exprime uma corresponsabilidade. Ele encarna um só espírito de inquietude, de angústia partilhado com os outros. Trata-se, a um só tempo, de um gesto intersubjetivo.

Marcel reconhece o quanto é necessário chegar a uma consciência mais clara diante do obscuro problema que envolve a responsabilidade do filósofo. Este jamais deve calar-se, ou abster-se de denunciar frente à perseguição, à tortura. Em contextos como a invasão da Argélia

<sup>8</sup> Piaget advoga a tese de que a filosofia “constitui uma ‘sabedoria’ [...], mas que não atinge um saber propriamente dito, provido das garantias e dos modos de controle que caracterizam o que se denomina ‘conhecimento’” (PIAGET, 1968, p. 1). E pontifica: “a filosofia tem a sua razão de ser [...], mas isso não a autoriza em nada seu estatuto de verdade” (Op. cit., p. 4). Ora, é esse ideal epistemológico que, a todo custo, o conferencista aludido por Marcel surpreendentemente reivindica à filosofia. A fim de melhor apimentar esse debate, ver: (SILVA, 2009).

**Entre o ascetismo e a *Kolakeïa*: Marcel e o paradoxo do filósofo no mundo atual**

SILVA, C. A. F.

pelo exército francês ou a eclosão de regimes totalitários, o filósofo jamais deve desertar em nome da verdade e da justiça: “entre a verdade e a justiça existe uma solidariedade infrangível; pecar contra a verdade é pecar contra a justiça e vice-versa”, observa Marcel (1968, p. 46)<sup>9</sup>. Pois bem, “isso significa dizer que a generosidade deve continuar ligada a uma certa prudência; essa prudência que é uma virtude como a coragem” (MARCEL, 1968, p. 47). Qual é, portanto, a situação? “A situação atual é evidentemente sem precedentes, pois ela implica a possibilidade para o homem, mediante técnicas por ele reguladas, de destruir o seu habitat terrestre; em resumo, de cometer um suicídio na escala da espécie” (MARCEL, 1968, p. 50). Em face disso, só resta ao filósofo manter uma prudencial atitude de vigilância: “convém dizer que ele é forçado a caminhar sobre uma aresta [...] e, ao mesmo tempo, é votado a uma certa solidão; dessa solidão, eu penso que ele não deve chegar ao ponto de orgulhar-se; isso constitui uma outra tentação a que é necessário resistir” (MARCEL, 1968, p. 49). Fato é

[...] que o mundo atual está cada vez menos disposto a aceitar, até mesmo, em princípio, as advertências ou as recomendações do filósofo; mas, por outro lado, essa atitude desconfiada e até, no fundo, desdenhosa encobre uma ilusão fundamental que o filósofo, justamente, e só ele, tem o dever de pôr a nu. É talvez nessa obrigação que reside a sua responsabilidade essencial (MARCEL, 1968, p. 49).

A responsabilidade filosófica consiste em desmistificar toda sorte de ilusionismo, fanatismo, dogmatismo. Por isso há de se duvidar de que haja sentido em “interrogar sobre a responsabilidade do filósofo *urbi et orbi*, ou seja, numa perspectiva intemporal ou destemporalizada” (MARCEL, 1968, p. 49). O que isso quer dizer? Que estamos todos numa ordem em que eticamente, falando, o filósofo não pode recusar incondicionalmente, sob o pretexto eremítico ou oportunista via um certificado barato de pureza fora do tempo, da finitude. A sua responsabilidade comporta, portanto, dois aspectos, sem dúvida, difíceis de se reconciliarem:

Por um lado, importa de fato que ele lembre incansavelmente certos princípios sobre os quais é impossível transigir aplicando-os, com rigor, sem jamais ceder à tentação de julgar diferentemente [...]; de outro, que ele deve compreender que as suas afirmações, para poderem ser tomadas em consideração, devem ter um peso histórico, ou seja, devem dizer respeito a um contexto histórico, pois se a isso não se referem, caem no vácuo (MARCEL, 1968, p. 51).

Marcel acentua aqui o peso da história, isto é, de uma situação de fato que é a experiência mesma em sua densidade radical. Para melhor acercar-se disso, o filósofo não pode viver suspenso ao mundo, numa espécie de epoché na mais absoluta e abstrata ascese. Ele é esse ser encarnado, situado, cuja responsabilidade é inabdicável. Para tanto, cabe a ele imunizar-se contra toda forma de orgulho: “que o filósofo jamais permita considerar-se, a si próprio, por um oráculo: pois, num tal domínio, aquele que assim procede, cai inevitavelmente no charlatanismo; ora, o que há de mais desprezível e ridículo que um charlatão sem o saber?” (MARCEL, 1968, p. 53). Nunca, como nos tempos atuais, a charlatanice tomou asas, suspendendo-se da experiência.

<sup>9</sup> Essa intrínseca relação é retomada em Marcel (1967).

**Entre o ascetismo e a *Kolakeia*: Marcel e o paradoxo do filósofo no mundo atual**

SILVA, C. A. F.

O gnosticismo, nesse sentido, oracular, *in terminus*, perde a tomada de consciência, ao afundar no pântano do ocultismo, do fanatismo. Assim,

[...] a tarefa ou vocação própria do filósofo consiste em preservar em si um equilíbrio paradoxal entre o espírito de universalidade – tanto quanto este toma corpo em valores que devem reconhecer-se como inalteráveis – e sua experiência pessoal de que não há nem a possibilidade, nem mesmo o direito de fazer abstração, pois é em função dessa experiência que pode constituir-se o seu contributo individual (MARCEL, 1968, p. 56).

Tal “equilíbrio paradoxal” só pode ser preservado sob uma condição: certa “maturidade existencial”:

[...] retornando, mais uma vez, à ideia de responsabilidade é, talvez, à luz dessa ideia de maturidade existencial que se pode perceber melhor sua natureza. Vê-se, com efeito, que a responsabilidade do filósofo em relação a si próprio não pode ser dissociada a não ser pela abstração da sua responsabilidade em relação aos outros homens: jamais e, em nenhum caso, lhe é permitido deixar de ser solidário com eles ao conceder, a si mesmo, não sei que estatuto privilegiado (MARCEL, 1968, p. 56-57).

Ao situar essa responsabilidade filosófica última, Marcel projeta a ressonância radicalmente ontológica que a envolve, transcendendo a ordem das determinações objetivas, abstratas. É preciso renunciar, como tipifica Chenu (1948, p. 151), uma “espécie de mística do obscuro” que, em nosso tempo, cada vez mais se tem elevado, para além do próprio mundo, em meio a um processo de massificação alienante. Nesse plano, não há qualquer engajamento autêntico.

É com esse propósito que ambos os textos marceliano abordados aqui, em pauta, inscrevem, ao mesmo tempo, um gesto de resistência e militância<sup>10</sup>. Resistência: contra a inércia do pensamento pensante; militância: restituição da verdadeira práxis filosófica; práxis essa que abre, em pleno século XXI, algumas reflexões pontuais conclusivas.

**CONCLUSÃO**

Entre ser eremita e guru de audiência, Marcel se investe do espírito socrático. Seu neossocratismo expõe o limite de toda barreira de contenção diante do mundo, isto é, de certa prática ascética de erguer muros; de segregar a reflexão num regime de apartheid perante o real! Outra face desse limite, vimos, é a cultura midiática da *kolakeia*, quer dizer, da bajulice, do capachismo, do chaleirismo, da incensação que põe, em risco, noutra terreno íngreme, a missão

---

<sup>10</sup> Ver: (SILVA, 2017a).

**Entre o ascetismo e a *Kolakeïa*: Marcel e o paradoxo do filósofo no mundo atual**

SILVA, C. A. F.

originária do filósofo. Desse modo, mal se sabe o que é mais patético: o fato do intelectual se entregar a uma sorte de ostracismo investigativo ou arrebanhar, midiaticamente, uma legião de teleguiados. Marcel convida o filósofo a se olhar mais no espelho, isto é, a sair de sua cômoda instalação, de sua zona de conforto a fim de romper seu cordão de isolamento com o mundo, mas sem deixar chantagear-se publicitariamente. É preciso resistir ao que há de mais grotesco, estúpido, ridículo em qualquer desses figurinos que se apresente! A filosofia, desde cedo, montou sua trincheira contra toda forma de ocultismo, sensacionalismo. O filósofo está longe de ser um astrólogo, um futurólogo ou, se quiser, um ilusionista de palco! Quanta pretensão! Filosofar não é a arte da adivinhação ou da mercadização. O filósofo precisa redescobrir qual é o seu lugar! Onde e como!

O magistério se torna, sem dúvida, um desses habitats privilegiados. Há, no entanto, de não se deixar levar pelo excesso, pelo fordismo livresco, pela indústria do *paper*, pelo “produtivismo” predatório que, sobretudo, a cultura academia impõe como regra. O professor de filosofia se vê, a maior parte do tempo, num regime autofágico, sobrecarregado com múltiplas funções. Marcel se reporta à tarefas como concursos, exames, intensificação burocrática que, na França de então, já consumia enormemente o trabalho docente. Hoje esse contexto atinge consideravelmente um nível ainda mais preocupante. O sistema de gerenciamento acadêmico tem gerado um novo *establishment* operacional da universidade, que, não raras vezes, mina as condições de pesquisa docente engessando-a num rolo compressor automaticamente seletivo no sentido mais darwinista. Nessa escalada, a despersonalização das relações somada à degradação do que há mais de filosófico termina por trair, como diz Marcel, a verdadeira essência da filosofia. O que asfixia o livre pensamento é certo desvio da função primordial do filósofo para domínios particularmente estranhos ao seu labor. Ceder a isso é, quase sempre, associar-se a certo profissionalismo filosófico, a certa especialização como mantra ou novo éthos da vida acadêmica.

Ocorre que toda práxis, como vemos, envolve um éthos. Nesse sentido, para além de todo refúgio ascético ou mesurice, só resta ao filósofo cultivar uma só virtude: a prudência! Embora não fale em “ética profissional”, Marcel abre um debate, sem precedentes, nesse plano. Trata-se de situar e, portanto, compreender certo éthos originário do filósofo. Sob esse aspecto, Marcel se coloca inequivocamente como um aristotélico: a prudência é a virtude mestra do filósofo. Saber dosar as coisas, mantendo o justo equilíbrio, orientando-se pelo bom senso frente à diversas questões é uma forma de práxis que pressupõe, inevitavelmente, um princípio ético. Daí resulta a tarefa de interrogarmos sobre a responsabilidade do filósofo.

É em torno dessa interrogação que o fenômeno da popularização da filosofia jamais deve ser negligenciado. Há, evidentemente, um aspecto salutar nesse processo, até por conta da inclusão da disciplina no ensino médio<sup>11</sup>, mas há também outra esfera de risco aí a ser melhor ponderada. Há quem tire proveito dessa expansão movido por interesses escusos ou sinistros sob as mãos de personagens que se autoproclamam “filósofos”. Há, ainda, outro perigo iminente que consiste em confundir filosofia com literatura de autoajuda. Em resumo: a popularização da filosofia pode ser uma faca de dois gumes, pois ora há o aspecto benéfico no intuito de uma maior difusão do seu trabalho num sentido autenticamente pedagógico; ora há um uso maléfico quando afeito mais à sabujice midiática. Ora, quem vive de credo, tornando-se marqueteiro de ideologia de bolso, pode ser tudo, menos filósofo! Aí, novamente, a prudência deve substituir a virtude cívica da ignorância! Afinal, a filosofia é a cruzada contra toda forma de fanatismo; contra toda arrogância sectária ou pretensão lisonjeira. Ela nos convida ao ponto zero! Ponto da ágora socrática!

---

<sup>11</sup> Ver: (SILVA, 2007).

**Entre o ascetismo e a *Kolakeia*: Marcel e o paradoxo do filósofo no mundo atual**  
SILVA, C. A. F.

**REFERÊNCIAS**

- ARISTÓFANES. **As nuvens**. Tradução e notas de Gilda Maria Reale Starzynski. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Coleção Os Pensadores).
- ASPIS, R. L. e GALLO, S. **Ensinar filosofia: um livro para professores**. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.
- CHAUÍ, M. S. **Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty**. São Paulo: Martins Fontes, 2002 (Coleção Tópicos).
- CHAUÍ, M. S. Texto e contexto: a dupla lógica do discurso filosófico. *In: Cadernos Espinosanos*, n. 37, jul-dez, 2017, p. 15-31.
- CHENU, J. **Le théâtre de Gabriel Marcel et sa signification métaphysique**. Paris: Aubier, 1948.
- GOLDSCHMIDT, V. Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos. *In: A religião de Platão*. Trad. Oswaldo Porchat Pereira. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.
- LA BOÉTIE, É. De. **Discurso da servidão voluntária** (edição bilíngue). 4. ed. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- LAGNEAU, J. **Célèbres leçons et fragments**. 2. ed. Paris: PUF, 1964.
- MARCEL, G. **Être et avoir**. Paris: Aubier/Montaigne, 1935.
- MARCEL, G. **En busca de la verdad y de la justicia: seis conferencias a estudiantes universitarios**. Traducción de Juan Godo Costa. Barcelona: Herder, 1967.
- MARCEL, G. **Pour une sagesse tragique et son au-delà**. Paris: Plon, 1968.
- MARCEL, G. **Les hommes contre l'humain**. Préface de Paul Ricœur. Paris: Editions Universitaires, 1991.
- MARCEL, G. **Homo viator**. Paris: Association Présence de Gabriel Marcel, 1998.
- MARCEL, G. **Essai de philosophie concrète**. Paris: Gallimard, 1999.
- MERLEAU-PONTY, M. **Éloge de la philosophie et autres essais**. Paris: Gallimard, 1953.
- ORTEGA Y GASSET, J. **A rebelião das massas**. Trad. Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- PIAGET, J. **Sagesse et illusions de la philosophie**. 2. ed. Paris: PUF, 1968.

**Entre o ascetismo e a *Kolakeia*: Marcel e o paradoxo do filósofo no mundo atual**  
SILVA, C. A. F.

PLATÓN. Górgias. *In: Diálogos (II)*. Trad. J. Calonge Ruiz. Madrid: Gredos, 1987.

SILVA, C. A. F. O 'retorno' da 'coruja'. *In: Tempo da Ciência* (UNIOESTE), v. 14, p. 45-57, 2º/Sem, 2007. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/1686>

SILVA, C. A. F. A margem da experiência: Merleau-Ponty e Piaget. *In: CARNEIRO, M. C. & GENTIL, H. S. (Org.). Filosofia francesa contemporânea*. São Paulo: Cultura Acadêmica/Fundação Editora UNESP, 2009, p. 85-102.

SILVA, C. A. F. Alianças seminiais: Merleau-Ponty e Bento Prado Júnior. *In: Discurso – Departamento de Filosofia da FFLCH da USP*, v. 41, p. 271-291, 2011.

SILVA, C. A. F. Entre o 'ser' e o 'ter': a 'hiper' fenomenologia de Gabriel Marcel. *In: TOURINHO, C. D. C. (Org.). Origens e caminhos da fenomenologia: a tradição fenomenológico-existencial na filosofia contemporânea*. Rio de Janeiro: Booklink & Fenomenologia: GT/ANPOF, 2014, p. 160-176.

SILVA, C. A. F. Reaprender a ver: um olhar fenomenológico. *In: HENNING, L. M. P. (Org.). Filosofia e educação: caminhos cruzados*. Curitiba: Appris, 2015, p. 249-265.

SILVA, C. A. F. A militância do concreto: Gabriel Marcel, acerca do engajamento. *In: Ética e filosofia política*, (Dossiê Herança Fenomenológica), v. 1, p. 128-149, 2017a. Disponível em: [http://www.ufjf.br/eticaefilosofia/files/2009/08/20\\_1\\_silva\\_6.pdf](http://www.ufjf.br/eticaefilosofia/files/2009/08/20_1_silva_6.pdf).

SILVA, C. A. F. Entre 'Körper' e 'Leib': Gabriel Marcel e o corpo como 'Ur-Gefühl'. *In: SILVA, C. A. F.; RIVA, F. (Orgs.). Compêndio Gabriel Marcel: homenagem aos 90 anos de publicação do 'Diário Metafísico'*. Cascavel, PR: Edunioeste, 2017b, p. 317-341.